



Revista Museologia & Interdisciplinaridade está licenciado sob uma [licença Creative Commons Atribuição-Uso não-comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/). Fonte: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36728>. Acesso em: 2 fev. 2022.

Referência

VALLE, Ana Luiza Rocha do; BRITTO, Clovis Carvalho. Museus, museologia e literatura: Representações de mundo e técnicas narrativas. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 305–335, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/36728>. Acesso em: 2 fev. 2022.

DOSSIÊ

**Museus, Museologia e Literatura:
Representações de mundo e técnicas narrativas**

305

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ana Luiza Rocha do Valle¹
Clovis Carvalho Britto²

DOI 10.26512/museologia.v10i19.36728

“Narro, logo existo”
Paulo Leminski (1998: 11)

Museus, Museologia e Literatura entrecruzam-se por diversas vias. As conexões remontam à raiz etimológica da palavra *museum*, referente ao Templo das Musas – muitas delas diretamente ligadas à Literatura. Remetem também, o que é menos conhecido, à raiz mitológica de *Museum*, filho do poeta Orfeu, como lembra Marília Xavier Cury (1999). Uma das explicações possíveis para essa faceta poética (e, nesse aspecto, também política) dos museus está ancorada no mundo mitológico. Calíope, musa da poesia épica, filha de Zeus e Mnemósine, uniu-se a Apolo e gerou Orfeu. A epopeia de Calíope, a lírica de Apolo e os cantares de Orfeu preenchiam, assim, o mundo da poesia. De acordo com a narrativa mitológica, Orfeu se uniu a Selene (a Lua), gerando o poeta *Museum* “personagem semimitológico, herdeiro de divindades, comprometido com a instituição dos mistérios órficos, autor de poemas sacros e oráculos. Esta tradição mitológica sugere a ideia de que o *museum* é um canto onde a poesia sobrevive” (CHAGAS, 2002: 5). Canto, aqui, pode ser tanto lugar como música de exaltação. E a poesia a que se refere Chagas pode ser compreendida em uma acepção ampla, despreziosa. Entender o *museum* como canto – lugar e louvor – propício à sobrevivência da poesia, está, sob esse aspecto, relacionado às operações simbólicas realizadas nas instituições museológicas.

Clovis Carvalho Britto propõe um olhar sobre o processo de musealização e o tratamento dos acervos de museus que vê na Museologia uma prática alquímica (BRITTO, 2018). Tal alquimia refere-se, metaforicamente, à reu-

1 Doutora na área de Literatura Comparada pela FFLCH/USP, bolsista Capes com período sanduíche na Universidade Sorbonne e no Memorial Sighet. Mestre em Museologia pela Universidade de São Paulo, com passagem via bolsa Fapesp pelo Centre François Mauriac de Malagar, na França, e pelo Museu Literário Petofi, na Hungria. Bacharel em Estudos Literários pela Unicamp e Técnica em Museologia pelo Centro Paula Souza. E-mail: analuizarv@usp.br

2 Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, e em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor na graduação em Museologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na área de Museologia (2020-2023). E-mail: clovisbritto@unb.br

nião de elementos materiais e imateriais diversos por meio da qual palavras se transformam em coisas e coisas são transformadas em linguagem. Dito de outro modo, objetos aos quais certos sentidos são atribuídos no contexto dos museus tornam-se veículos de discurso. Isto possibilita entendê-los, sobretudo quando compõem uma exposição, como elementos de uma narrativa museológica – conceito que retomaremos ao final deste texto.

As relações museu-literatura-linguagem não se restringem às origens gregas do termo museu. Noções como mitologia e alquimia podem ser ampliadas por meio do diálogo com o universo onírico e reflexões a seu respeito. Walter Benjamin (2005: 134) conclui que “os museus fazem parte das casas de sonhos na ordem do coletivo”. Essa percepção evidencia os museus como espaços de identificação do imaginário coletivo, o que possibilita visualizá-los como símbolos de uma prática ancestral e libertadora: a narração. O museu, nesse aspecto, pode ser visto como um dos lugares por excelência para a concretização da deriva do imaginário, e “[...] julgamos que não será difícil encontrar na ficcionalidade que está inerente à seleção do seu conteúdo o elemento que conduz essa fantasmagoria sonhadora” (LEAL, 2003: 231). Não é sem razões que a dimensão onírica adquire uma potência ainda maior quando analisamos os museus-casas de literatura, vistos duplamente como “casas de sonhos” e “casas ou corredores que não têm o lado de fora – assim como os sonhos” (BENJAMIN, 2005: 134).

Essa perspectiva traduz formas específicas de encenação discursiva pautadas nas experiências da relação com a materialidade. Elas podem acionar aquilo que Gaston Bachelard (2008: 25) reconhece como a sobrevivência (ou resistência) dos sonhos e das imagens, ao se formarem continuamente depois que se converteram em formas de expressão artística ou se fixaram em alegorias. Essas imagens ganhariam ressonância nos espaços de posse, louvação e afeto, comportando vários matizes, a exemplo de uma poética do espaço que atravessa a “casa dos homens” e a “casa das coisas” (gavetas, cofres e armários). As imagens da casa concentram, assim, uma espécie de atração: “na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos”. É razoável, então, quando ao evocar o imaginário, o autor alargar a compreensão de casa, sublinhando a perspectiva de um mundo-ninho enquanto imagem primordial. Nessa leitura, a imaginação auxiliaria na continuidade desse enorme ninho em que habitamos visto que “o poeta não pode abandonar uma imagem tão grande, ou mais exatamente, tal imagem não pode abandonar o seu poeta” (BACHELARD, 2008: 116).

A partir da leitura de Bachelard, é possível compreender as ações museológicas como experiências não apenas técnicas, mas que contribuem também para processos de criação e rememoração. Nesses processos, temporalidades e espacialidades são construídas ou reconfiguradas. Há um imaginário repleto de recursos linguísticos, a exemplo das figuras de linguagem (metáforas, metonímias, eufemismos etc.), que permeia o fazer museal. Arriscamo-nos até a afirmar que a própria musealização pode ser compreendida como prosopopeia. É como se os seres inanimados fossem personificados, em certa medida, de modo que sua agência seja considerada, extrapolando a percepção da *musealia*³ como mero suporte do conteúdo que se atribui a ela de fora para dentro.

3 No contexto dessa frase, *musealia* é um sinônimo para o conjunto dos objetos de museu, objetos musealizados. Para mais informações a respeito, ver Desvallées e Mairesse (2013).

A inspiração em diversas culturas indígenas e afro-brasileiras – que têm sido revisitadas por estudos como o novo materialismo e o pós-humanismo – permite pensar a personificação não só como figura de linguagem. Trata-se de efetivamente considerar a agência da matéria como parte constitutiva do mundo, das relações, e mesmo dos sonhos. Ailton Krenak (2019), seguindo essa leitura, reconhece o sonho como uma instituição na qual as pessoas aprendem diferentes linguagens, lugar de veiculação de afetos e de criação de uma consciência coletiva. É essa percepção que propicia escutar a fala dos rios e das florestas, observar nossos corpos em sua relação com os ciclos da Terra e, assim, intercambiar experiências visando adiar o fim do mundo. Reconhecer a agência dos elementos não humanos é também, como explica Krenak (2019: 49), exercer resistência ao capitalismo:

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos [...] nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos [...]

Esse ponto de vista contribui para uma leitura diferente daquela canonicizada sobre os museus e a literatura, conforme o ensinamento de Cícero Pereira, liderança Kanindé: “O museu pros Kanindé é bisavô, é avô, é pai e é mãe, porque é a história deles, a história que tinha lá atrás, é o que a gente tem aqui”, concluindo que “o museu pros Kanindé é vida. Nós gostamos do museu do tanto que a gente gosta dos pais da gente, porque aí tem um pouco do retrato, da imagem de tudo” (In: SANTOS, 2016: 156). As contribuições de pensadores indígenas de etnias distintas para a Museologia são muitas. Algumas delas estão reunidas no dossiê “O protagonismo indígena e museu: abordagens e metodologias”, organizado por Marília Xavier Cury, junto ao qual temos a honra de publicar a nossa coletânea.

Josué Carvalho, do Povo Kaingang da Terra Indígena Nonoai, integra o conjunto de autores de nosso dossiê com o artigo “Narrativas literárias através dos objetos no museu: modos indígenas de narrar memórias e fazer museus e museologias”. Segundo o autor, é possível compreender as narrativas indígenas através dos objetos e entendê-las como narrativas literárias. O trabalho realiza uma leitura decolonial da literatura e das exposições dos pertences indígenas, explicitando os deslocamentos entre o mundo dos humanos e o mundo dos espíritos. Apresenta, assim, diferentes produções literárias para os Kaingang, em sua manifestação na forma textual escrita e através dos objetos nos espaços museais ou fora deles.

Museus como espaços de sonho extrapolariam a interpretação convencional da experiência onírica. É possível pensar sua poética como “um caminho de aprendizado, de autoconhecimento sobre a vida, e a aplicação desse conhecimento na sua interação com o mundo e com as outras pessoas” (KRENAK, 2019: 53). É nessa chave interpretativa que evidenciamos as relações entre Museus, Museologia e Literatura: passíveis de aproximação por seus potenciais de humanização e por suas funções de representação/apresentação do mundo. Portanto, escritores, profissionais de museus, instituições museológicas e obras literárias têm muito o que intercambiar.

O conceito de “oralitura”, proposto por Leda Maria Martins (2001: 84), tem muito a somar à visão de literatura supracitada. A pesquisadora sublinha a

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas

“rasura da linguagem, alteração significativa, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas” e a rica textualidade oral construída pelas culturas negras nas Américas.

O termo oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significativo e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade (MARTINS, 2001: 84).

Essa perspectiva, ao conceber os diferenciados rituais de linguagem e as marcas da diáspora, também deve ser considerada no campo dos processos museológicos. Esses últimos, assim como os literários, também são atravessados por uma variada gama de saberes e linguagens corporais, colocando em xeque a concepção eurocentrada de literário e museológico. A partir de conceitos como territorialidades, corporeidades, ancestralidade e culturas não-humanas, é importante reconhecer múltiplas narrativas que problematizam, inclusive, a noção de representação.

Essas diversas leituras evidenciam museus e literatura como espaços de ficção, reconhecendo que a linguagem museológica torna presente o que está ausente. Ulpiano Bezerra de Meneses (2002: 25), afirma, a respeito da ficção que ela “não se opõe a verdade: designa as figuras (palavra da mesma família) que modelamos, para darmos conta da complexidade e vastidão infinitas do mundo”. O museu é, então, considerado por Meneses como espaço extraordinário de ficção, visto que ele mobiliza formas para expressar o mundo e permite que dele possamos dizer alguma coisa; portanto, também um espaço de produção do conhecimento, onde o “[...] conhecimento científico pode ser acoplado ao poético, fecundando-se mutuamente” (MENESES, 2002: 25).

Reconhecer que a ficção tem lugar nos museus contribui para a desconstrução do entendimento sobre documento, narrativa e literário, abarcando outras tipologias e suportes. Um exemplo são os objetos que se tornam marcadores tangíveis da experiência em torno da vida literária. São testemunhos materiais imersos nos círculos de consagração das pessoas que escrevem:

Móveis, quadros, máquinas de escrever, canetas, medalhas, selos, lembranças de viagens, peças de indumentárias, esculturas, pinturas, caixas de música e muitos outros objetos, formando uma coleção heterogênea, que tem um único denominador comum: terem pertencido a nossos escritores ou estarem a eles relacionados. Esses objetos, por seu valor intrínseco, justificam a sua incorporação [...] como documentos enriquecedores da compreensão, pontos de referência e fontes para a reflexão indispensável à recomposição do mundo, ficcional e não ficcional, como da personalidade de seus possuidores. Esses objetos crescem de importância quando nos permitem torná-los vivos e atuantes como elementos fundamentais nas exposições (VASCONCELOS, 1997: 247).

É importante ir além de pensar a cultura material como integrante das coleções, a exemplo da presença dos objetos pessoais nos acervos literários. Compete questionarmos, conforme já mencionado, em que medida esses objetos contribuem para alargar a própria noção de literatura ou de textualidade, extrapolando a linguagem verbal ao abarcarem acervos tridimensionais. Uma possibilidade interpretativa consiste na compreensão dos objetos enquanto palavras que, articulados em um dado cenário, produziram textos. Essa “semântica

das coisas” consistiria em um dos resultados da musealização, entendida como uma performance específica por meio das coisas (BRULON, 2018) e a textualidade remeteria à leitura dos objetos como repertórios e da musealização como uma forma singular de manifestação da comunicação. A analogia efetuada por Ulpiano Bezerra de Meneses (2002: 28) é “[...] a [da] distinção e relação que se podem estabelecer entre o dicionário (o acervo) e o poema (a exposição)”.

Apesar dessas conexões possíveis, a literatura nem sempre é significativamente mobilizada nos acervos e práticas museológicas. Por um lado, musealizar a literatura é difícil, inclusive nos museus em que se pressupõe o literário como elemento central. Ela também não está entre os assuntos mais frequentes quando se discute Museologia e suas disciplinas fronteiriças. Por outro lado, seria falso afirmar a completa exclusão da literatura dos cenários museal e museológico. Isto porque, entre outras razões, há associações dedicadas a estudos sobre museus literários, rotas literárias e/ou casas de escritores em diversos países, além de um Comitê Internacional de Museus Literários [e de Compositores] no Conselho Internacional de Museus (ICLCM – ICOM), criado em 1977, e que congrega especialmente casas de escritores e de escritoras (além de outros tipos de museus literários e de casas de compositoras e de compositores).

Na Alemanha, é criada em 1986 a Associação das Sociedades Literárias e Museus de Literatura (ALG); na França, após uma série de eventos e documentos que remontam a 1993, nasce, em 1997, a Federação Nacional de Casas de Escritores e Patrimônios Literários; na Espanha, a Associação de Casas-Museu e Fundações de Escritores (ACAMFE) é fundada em 1993 e oficializada em 1999. Já em 2003, é criado o grupo *LitHouses*, de casas e museus literários da Grã-Bretanha; e, em Portugal, em 2012, a Associação Portuguesa de Casas Museus (APCM). Em 2015, a União dos Museus Russos formou a Associação dos Museus Literários, na Rússia. No Brasil, em 2017, oficializou-se a Rede de Museus Casas-Literários de São Paulo. A despeito do nome relacionado a um estado específico, reúne pesquisadores e profissionais de museus de ao menos três regiões do país (Sul, Sudeste e Nordeste). Todas essas organizações estão ativas, algumas com encontros periódicos que geram publicações sobre os temas das casas de escritores e museus literários. Por vezes, esses trabalhos refletem também sobre a presença da literatura em museus não literários, como os históricos e de arte.

Não identificamos, por meio de nossa pesquisa, nenhuma rede ou associação de museus literários ou casas de escritores em toda a África, na Oceania, em outros países da América Latina para além do Brasil e em outros países asiáticos além da Rússia. No entanto, há, sim, museus literários, casas de escritores e pesquisa a respeito de patrimônio literário e turismo literário nessas regiões. A título de exemplo, podemos citar, na Ásia: o Museu da Literatura Japonesa Moderna, em Tóquio, que organizou, em 2018, a “1ª Conferência sobre o Futuro dos Museus Literários”, além de museus literários locais em Kamaura, Hokkaido e Himeji; nas cidades taiwanesas de Tainan e Yilan, em que se localizam, respectivamente, o Museu Nacional da Literatura Taiwanesa, fundado em 2003, e o Museu de Literatura Yilan; o Museu da Literatura Malaia, que foi fundado em 1984 e está localizado em Malaca; na cidade de Andijan, no Uzbequistão, há exemplos como o Museu Literário Babur, fundado em 1989, e o Museu Regional de Artes e Literatura de Andijan. Nesse mesmo país, na cidade de Tashkent, está o Museu Estatal de Literatura Alisher Navoi. Na África, alguns exemplos são: o Museu Sul Africano de Literatura Amazwi, fundado nos anos 1960 sob o nome de Museu

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas

Literário Inglês Nacional, em Grahamstown; a Casa Museu Óscar Ribas, fundada em 1983, na cidade angolana de Luanda; e no Egito, o Museu Naguib Mahfouz, aberto em 2019 no Cairo. Na Oceania há, entre outros, a Casa Frank Sargeson, aberta ao público em 2009, e a Casa e Jardim Katherine Mansfield, fundada em 1986. Elas estão localizadas, respectivamente, nas cidades neozelandesas de Auckland e Wellington. Alguns exemplos latino-americanos são: a Casa da Literatura Peruana, fundada em 2008 na cidade de Lima; as casas de Pablo Neruda em Santiago (1986), Valparaíso (1992) e Isla Negra (1990), no Chile. Na cidade de Lapwint, em Guadalupe, foi fundado em 1987 o Museu Saint John Perse.

Sabemos que o que justifica as relações entre museus, Museologia, literatura e Estudos Literários não é exatamente a existência de instituições e pesquisadores nas fronteiras entre essas áreas por si só. As pesquisas e instituições são consequência dessas relações, ao mesmo tempo que as retroalimentam. Sendo museu e literatura duas formas de representação do mundo, ambas fortemente ligadas a valores simbólicos, seus pontos de convergência são vários, o que desperta o interesse de pesquisadores, escritores e profissionais de museus, levando à fundação de instituições.

Talvez em razão da retroalimentação, entre outros motivos, tem crescido o número de museus-casas de literatura, de rotas e de exposições literárias. Essas instituições e caminhos tensionam os limites entre o espaço literário e o espaço museológico. Ana Luiza Rocha do Valle (2015; 2016), propõe três eixos principais quanto a exposições literárias: a) ênfase na literatura do autor (musealização dos originais, rascunhos, materiais de escrita, objetos referenciados nos textos ou produzidos a partir deles, primeiras edições ou edições especiais de livros etc.); b) ênfase na trajetória do autor (fotografias, objetos pessoais, mobiliário, indumentária etc.); e c) ênfase na mescla entre o espaço literário e trajetória social (correspondência relacionada à obra, livros com dedicatória, prêmios literários).

Os objetos pessoais e os próprios suportes e técnicas utilizados para a expressão das ideias literárias também integrariam a vida literária. Na verdade, a musealização de objetos, das residências e de espaços (incluindo os ficcionais) fabricados/vivenciados pelos escritores e pelas escritoras contribui para a produção da crença⁴ nos autores e em suas obras. Reciprocamente, o leitor é motivado a conhecer o espaço musealizado em virtude do renome do autor. Essas territorialidades, ao fundirem vida, obra e cultura material, incentivam releituras da obra e da própria vida enquanto obra. Essas ideias contribuem para a operacionalização de dois conceitos que gostaríamos de abordar: o de *esprit du lieu* ou “espírito do lugar”; e o de “patrimônio literário”.

A noção de “espírito do lugar” (VIEL, 2003; CASSOLA, 2016) aborda as relações entre as práticas culturais e o sítio em que são construídas, os atravessamentos simbólicos e as operações tangíveis e intangíveis que o singularizam:

4 Segundo Pierre Bourdieu (2002), a produção da crença consiste nas estratégias de operacionalização de uma política da memória e de manipulação de recursos com vistas à fabricação e perpetuação de determinados nomes e obras (na literatura, nos museus e em seus personagens, por exemplo). O exame das formas de mobilização dos sentidos tendo como referência as instâncias de produção, circulação e consagração contribuiria para iluminar os bastidores e cenas de um amplo empreendimento de alquimia social produzido por agentes que, ao integrarem o campo de produção e circulação cultural, fabricam e consagram a autoridade da criação. Nesses termos, deveríamos indagar quem cria o criador, ou, no caso do campo artístico, não o que faz, mas quem faz o artista.

O “espírito do lugar” consiste no conjunto de bens materiais (sítios, paisagens, edificações, objetos) e imateriais (memórias, depoimentos orais, documentos escritos, rituais, festivais, ofícios, técnicas, valores, odores), físicos e espirituais, que dão sentido, valor, emoção e mistério ao lugar, de tal modo que o espírito constrói o lugar e, ao mesmo tempo, o lugar constrói e estrutura o espírito (ICOMOS. Declaração de Quebec, 2008).

A literatura, os museus e espaços literários são formas de expressão que singularizam e traduzem esse “espírito do lugar” a partir da fusão de distintas linguagens (verbais e não-verbais). Percepção compartilhada por vários estudiosos quando mobilizam o conceito de “lugar literário” (HERBERT, 2001) e cuja especificidade é a construção da relação entre pessoas e espaços mediada pela literatura.

É como se o literário transbordasse para um determinado sítio, demarcando fortemente sua imagem como lugar representado em textos literários ou diretamente associado a um autor. Alguns exemplos são residências, sepulturas, locais de trabalho, locais de inspiração, museus-casas, cenários de livros, referências na paisagem a personagens e a escritores, parques literários, bairros literários, bibliotecas e livrarias de interesse literário, museus e exposições literárias (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017).

Verifica-se, portanto, uma sobreposição do espaço/mapa-literário sobre o mapa físico (viabilizada pela sinalização de lugares literários), sendo que é sobre este novo mapa que o leitor-turista se desloca, procurando encontrar as personagens do livro que leu e admira, o cenário da narrativa de que gostou, o cenário que terá inspirado o autor a escrever o livro ou, tão-somente, encontrar o autor (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017: 54).

O conceito de “espírito do lugar” é abordado neste dossiê em “Espírito do lugar, Casas de escritores e Patrimônios literários: entrevista com Jean-Claude Ragot”, originalmente publicada apenas em francês, na obra *La valorisation des fonds littéraires – Maison d’écrivain et recherche* (2020), organizada por Ragot. Em nosso dossiê, ela é apresentada tanto em sua versão original como na tradução inédita para o português. Trazendo contrapontos e complementações enriquecedoras, a entrevista conduzida por Ana Luiza Rocha do Valle com Jean-Claude Ragot soma-se àquela realizada pela mesma pesquisadora com François Mairesse, ainda inédita tanto em português quanto em francês. Em “Casas de Escritores e Museus Literários: entrevista com François Mairesse”, o conceito de “espírito do lugar” também é mencionado, mas de modo mais pontual. Diferentes visões sobre Museologia, Patrimônio Literário e especificidades técnicas, culturais e administrativas do contexto francês são discutidas em ambos os textos. Ressaltamos, como organizadores desta coletânea, a importância do diálogo e da exposição de perspectivas distintas, mesmo que por vezes conflitantes, independente de qual seja a opinião individual de cada um dos organizadores do dossiê sobre o tema.

Quanto à percepção da literariedade que transborda para além dos textos, consta no dossiê o artigo de Galina Alekseeva “O Museu-Propriedade Leon Tolstói em Yasnaya Polyana como representação da Literatura russa e mundial”. Nele, a ex-presidente do Comitê Internacional dos Museus Literários e Casas de Compositores (ICLCM) apresenta o exemplo do Museu-Propriedade Yasnaya Polyana e da Biblioteca de Tolstói, que pertence ao Museu. Alekseeva apresenta a coleção em sua riqueza e multiplicidade e trata da importante relação

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas

entre a obra literária de Tolstói, o acervo material e o patrimônio imóvel e até mesmo ambiental. Ela também trata das atividades de pesquisa e comunicação da instituição.

Os trânsitos entre literatura, museus e territórios são apresentados no artigo de Luciana Santos Ferreira e Leandro Benedini Brusadin “Poesia como documento: os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos”. Ao analisar a relação entre os poemas de Carlos Drummond de Andrade e três sobrados em Itabira, cidade natal do poeta, Ferreira e Brusadin reconhecem os poemas como documentos e os monumentos como lugares literários. É oportuna a escolha de um museu de território cujo itinerário é pontuado por 44 placas com poemas nos locais que teriam inspirado o poeta.

Outro conceito que tem sido recorrente nos estudos sobre museus e literatura, especialmente na Europa, é o de “patrimônio literário”⁵. Conforme destacou Francesca R. Uccella (2013), patrimônio literário consiste no conjunto de elementos materiais e imateriais relativo à escrita e a literatura. Ele reúne a produção literária e do legado de escritores e instituições relacionados com a literatura. O “patrimônio literário” é composto por bens materiais (edifícios, manuscritos e objetos) e imateriais (memórias que decorrem da escrita, da narração e do pensamento de um autor) que constituem heranças compartilhadas e salvaguardadas por processos de patrimonialização.

Nem todos os “lugares literários” e os “patrimônios literários” são musealizados (embora sejam todos passíveis de musealização). No entanto, é importante compreendê-los como espaços significativos para a compreensão das relações entre os campos da Museologia, da Literatura e do Patrimônio. Uma das instâncias privilegiadas de análise consiste na presença da literatura nos museus: leituras de exposições específicas que tenham a literatura por tema, traçando paralelos entre a obra ou o autor e as estratégias expográficas propostas; especificidades de salvaguarda de acervos literários; perspectivas comparativas entre exposições, utilizando de conceitos como adaptação e intersemiótica; e a discussão sobre a inserção de elementos literários como complementação de conteúdo ou recurso expositivo em exposições de outras tipologias – como em museus de arte ou de história. Uma referência importante nesse quesito é a rede RIMELL (Acrônimo em francês para Pesquisas interdisciplinares sobre a museografia e a exposição da literatura e do livro). O destaque sobre a contribuição dessa rede é do site *Littératures Mode d’Emploi*⁶, que reúne uma vasta bibliografia sobre exposições literárias, casas de escritores e temas correlatos, resenhas de exposições literárias, entrevistas e notícias relacionadas ao “patrimônio literário” e à musealização da literatura.

No caso brasileiro, a criação da Casa de Rui Barbosa, em 1928, no Rio de Janeiro, consiste em marco: o primeiro museu do gênero no país. A instituição inspirou a criação de outros processos museológicos em torno dos museus-casas e também de museus de literatura, a exemplo do Arquivo-Museu de Lite-

5 Quanto a esse tema, acreditamos ser oportuno mencionar a nova rede de pesquisa chamada *Patrimonia-Litté* (neologismo francês que une as palavras francesas para Patrimônio e Literatura), que foi lançada por meio de um seminário online em janeiro de 2021 (outras sessões estão previstas no calendário online da Rede, disponível em francês em <https://respalitt.hypotheses.org/seminaire-de-recherche>. A sessão inaugural teve sua sede (em termos simbólicos, já que virtual) na Universidade de Cergy-Pontoise, na França. A rede está em construção, conta com pesquisadores de diferentes continentes entre seus membros, e não está oficialmente atrelada a nenhuma instituição, pelo que pudemos compreender até o momento.

6 <https://www.litteraturesmodesdemploi.org/>

ratura, criado em 1972, tema do artigo de Daniela Carvalho Sophia, “Critérios de salvaguarda do patrimônio literário: o caso do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira”, que integra este dossiê. O estudo reflete sobre os desafios da Fundação Casa de Rui Barbosa na delimitação e preservação de seu patrimônio literário, os atravessamentos das políticas institucionais na seleção da memória literária nacional e as dificuldades da musealização de arquivos literários.

Nesse campo de investigação, sobressaem os museus-casas de literatura na medida em que visibilizam uma metanarrativa por meio das coisas e dos espaços: empreendem a fabricação de um espaço de ficção (casa musealizada) que, por sua vez, se ampara, geralmente, na literatura do autor (narrativa de uma narrativa). Isso assume outras dimensões com o uso das novas tecnologias nas exposições dos museus-casa, com a declamação de poemas e crônicas e/ou a projeção dos mesmos nas paredes e nos objetos, transformando a própria casa em suporte e estabelecendo uma “vigilância comemorativa” sobre certas vertentes de leitura da trajetória das autoras e dos autores e de suas obras.

O artigo “Casa Guilherme de Almeida: a musealização de uma biografia”, de autoria do pesquisador Guilherme Lopes Vieira, evidencia as tramas da fabricação do museu-casa que homenageia o poeta Guilherme de Almeida e a sua criação em São Paulo, em 1979. O pesquisador destaca os impactos da musealização no processo de representação do escritor em relação à memória da cidade de São Paulo e as confluências entre casa e biografia. Já o artigo “Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)”, das pesquisadoras Milena de Jesus Santos e Suely Moraes Cerávolo, investiga os procedimentos que deram origem ao museu Casa do Rio Vermelho – Jorge Amado e Zélia Gattai e a importância dos processos narrativos instituídos por Gattai. Os artigos contribuem para que destaquemos que a compreensão da poética e política dos museus-casas e de suas interfaces com a literatura ainda consiste em um campo de pesquisa a ser explorado. As diferentes perspectivas analíticas possibilitam diálogos com trabalhos precursores, como os de Rodrigo Alves Ribeiro (2006), Teniza Spinelli (2009) e Cláudia Barbosa Reis (2012).

Do mesmo modo, apesar de uma longa tradição e das múltiplas experiências museológicas em diálogo com o universo literário, torna-se necessário um maior esforço para a sistematização e análise dessas experiências. No Brasil, Ana Luiza Rocha do Valle (2016) afirma que, embora não exista uma organização de âmbito nacional que reúna os museus de literatura ou um museu de grande porte dedicado à literatura nacional, algumas instituições e projetos se aproximam/aproximaram dessa perspectiva: o Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, criado em 1972; o Museu da Literatura Brasileira, idealizado por Lygia Fagundes Telles, em 1975; o projeto do Museu de Literatura Brasileira (MULIB), concebido por Ilka Laurito, Miriam Moreira Leite e Telê Porto Ancona Lopez; o Museu da Língua Portuguesa, inaugurado em 2006, em São Paulo (com reinauguração prevista para ocorrer em 2021); e o Museu do Escritor, inaugurado em 2010, em Brasília, por iniciativa da Associação Nacional de Escritores.

Ao passar da presença da literatura nos museus aos museus em obras literárias, cabe refletir sobre os questionamentos a seguir. Como foram representados os museus na tradição literária? O que a Museologia pode aprender por meio das obras literárias em que os museus são representados e das análises literárias feitas a respeito delas? São perguntas que possibilitam articular

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas

análises literárias, comparações entre museus e suas respectivas representações na ficção, análises de expografia, entre outros tipos de estudos. É possível pensar ainda nas contribuições cruzadas que escritores e estudiosos da literatura, bem como museólogos e profissionais de museus, podem oferecer para os campos dos Estudos Literários, da criação literária, da Museologia e da prática profissional nos museus.

No contexto brasileiro, Mario Chagas (2002) elenca escritores que trataram de museus, memória e coleções. Entre eles, poetas como Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meirelles e Carlos Drummond de Andrade. Se, inspirados em sua lista, nós nos propusermos a buscar exemplos para além do Brasil, o inventário de autores e obras literárias que abordaram os museus e temáticas caras à Museologia tende a crescer e se diversificar em termos de gêneros literários. Uma lista exaustiva de museus ficcionais ou obras literárias em relação a museus reais seria exageradamente longa. Trazemos, abaixo, alguns exemplos a título de ilustração da variedade de possibilidades em termos de objetos de estudo.

Na Rússia, diversos autores representaram museus em suas obras, como ocorre nos casos demonstrados pelo artigo “Visões e usos do museu entre alguns autores russos: da Revolução ao Gulag”, da pesquisadora Luba Jurgenson. O texto analisa como os escritores Panteleïmon Romanov, Konstantin Vaguinov, Vladimir Nabokov, Nikolai Fyodorov e Varlam Chalamov encenaram museus e reatualizaram suas imagens impactados pela revolução e pelo terror, com foco para o papel dos artefatos e das políticas da memória. Entre a perda (do corpo, da cultura, da vida) e o transbordamento (inventário de objetos perdidos refletindo a diversidade do mundo destruído) demonstra como a literatura russa do século XX construiu imagens polissêmicas dos museus, como espaços de salvaguarda ou de apagamento da memória.

Na Argentina, Fernandez Macedonio lançou, em 1975, o romance *O Museu do Romance da Eterna*; na França, Georges Perec escreveu a novela *A Coleção Particular*, em 1979. Em *Viagem a Portugal*, de 1981, José Saramago nos apresentou uma personagem que não só visita o Museu de Arqueologia e Etnologia de Lisboa, como faz uma sugestão concreta de como determinada peça do acervo deveria estar exposta. Perspectiva investigada em nosso dossiê pela pesquisadora Gislene Teixeira Coelho no artigo “José Saramago, patrimônio e memória: um legado de rebeldia e irreverência”, em que reflete sobre a relação entre a literatura, as representações da memória e o desmonumento a partir das obras *Memorial do Convento* e *Viagem a Portugal*, de Saramago.

Na Itália, Ítalo Calvino publicou os livros *Palomar*, em 1983, e *Coleção de areia*, em 1984, em que discutiu as temáticas do colecionismo e da musealização. Obras aqui analisadas pela pesquisadora Claudia Cristina Maia no artigo “Ítalo Calvino: os museus e a memória do mundo”, que demonstra como em Calvino a coleção e o museu apresentam-se como tema e como método. O texto interroga sobre o fazer artístico do escritor italiano que se configuraria como uma coleção de “objetos” incorpóreos.

Continuando o breve inventário de obras relacionadas aos museus, em 1991, Steven Millhauser publicou nos Estados Unidos o romance *Martin Dresler: a história de um sonhador americano*. Nele, uma versão ficcional do Museu Barnum cresce exponencialmente a ponto de incorporar a cidade toda e seus moradores.

Nos anos 2000 e 2010 encontramos novos exemplos. No Japão, Yoko Ogawa lançou, em 2001, *O Museu do Silêncio*, narrado por um museólogo; na França, em 2006 foi lançado *O lobo do Louvre*, de Anne Letuffe, um livro infantil que envolve uma perseguição pelas galerias do Louvre e pelas várias representações da infância ali presentes; na Turquia, em 2010, encontramos Orhan Pamuk, com seu *Museu da Inocência* – que é romance e museu, acompanhado de catálogo; nesse mesmo ano, veio a público o romance *Dez Mil Guitarras*, em que a escritora francesa Catherine Clément destacou o gabinete de curiosidades de Rodolfo I; em 2013, nos Estados Unidos, Donna Tart publicou *O Pintassilgo*, cuja trama tem relações importantes com a obra homônima abrigada no Metropolitan Museum of Art. No ano de 2014, foi lançado o mangá *Guardiões do Louvre*, de Jiro Taniguchi, publicado pelo próprio museu, e misturando fantasia com elementos da história do Louvre e de suas coleções. Em 2018, Anne Youngson publicou seu romance de estreia *Meet me at the Museum*, que tem como um dos personagens principais um curador do Museu Silkeborg, na Dinamarca, e conversas em torno do Homem de Tollund, um cadáver naturalmente mumificado cuja cabeça está exposta no museu. Em 2019, um museu ficcional foi apresentado ao público por meio das páginas de *Still Lives*, um romance policial envolvendo uma exposição feminista, violência contra a mulher e uma artista desaparecida no dia de sua própria vernissage.

Quando se trata do Metropolitan Museum of Art de forma mais ampla, para além de uma obra específica como *O Pintassilgo*, um trabalho recente e importante é o romance *Metropolitan Stories: A Novel*, de Christine Coulson (2019). Ele foi analisado neste dossiê por Pallavi Narayan, no artigo “Repousando no Museu Metropolitan: construção de espaços de acolhida na obra *Metropolitan Stories* de Christine Coulson”. A pesquisadora estabelece conexões entre os bastidores dos museus, as experiências dos funcionários, a relação com o não humano e a ideia de casa, de acolhida, o que dialoga com as discussões apresentadas anteriormente sobre a poética do espaço, assim como com as entrevistas a respeito de museus-casas de escritores e casas de escritores.

No Brasil, diversos são os autores e autoras que abordaram a temática dos museus e coleções em poemas, contos, crônicas e romances. Além dos já citados Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Mário de Andrade, podemos destacar, como exemplos: o conto de Sérgio Sant’Anna “Uma visita, domingo à tarde, ao museu”, no livro *Notas de Manfredo Rangel, Repórter* (1973); os poemas “Museu” de Eucanaã Ferraz, em *Desassombro* (2002); e “No ex-Museu Nacional” de Armando Freitas Filho, em *Arremate* (2020); e os romances históricos *A mulher e a casa* (2013) e *Úmida trama* (2017) de Eneida Queiroz. Um dos mais emblemáticos é o livro *Museu de tudo* (1975), do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, aqui analisado no artigo “Museus vivos e em uso na poética de João Cabral de Melo Neto”, da pesquisadora Edneia Rodrigues Ribeiro. O texto investiga a recorrência do termo “museu” em alguns poemas e na prosa ensaística do autor, como no disperso “Museu da poesia”, escrito em 1942, evidenciando a compreensão dos museus enquanto “espaços vivos e em uso”.

De que formas essas e outras representações dos museus na literatura influenciam ou reverberam o trabalho dos profissionais da área e as pesquisas dos museólogos? Que ecos o surgimento de novos museus e as transformações no pensamento museológico podem provocar na literatura e nos estudos literários? Veem-se desde impactos numéricos, como o aumento estrondoso de

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas

público no New York Frick Museum após publicação do romance de Donna Tart sobre a obra *O Pintassilgo*, que o museu recebeu em exposição itinerante, até conexões acadêmicas como o *Manifesto sobre os museus*, divulgado por Orhan Pamuk na Conferência Geral do ICOM em Milão, no ano de 2016.

Um ponto delicado no contato entre Museologia e Estudos Literários é o emprego recorrente, em referência a museus, do termo “narrativa”. Quando nos referimos a narrativas museológicas, será o mesmo conceito a que se referem os estudiosos da Literatura quando abordam narrativas literárias? Pesquisas que contribuam para a consolidação de uma teoria da narrativa museológica, que pode abarcar desde as políticas de aquisição e descarte até estratégias mais concretas de comunicação museológica, com destaque para as chamadas narrativas expositivas, consistem em um caminho a ser trilhado. A análise de exposições em que a narrativa por meio de objetos seja considerada ponto central e seus procedimentos de composição em diferentes contextos culturais ainda consiste em um tímido movimento no campo da Museologia. Mariana Soler (2020) aponta a importância da expansão do campo de estudos das exposições, especialmente numa perspectiva comparada, assim como a necessidade de considerar a forma museográfica como intrinsecamente relacionada ao conteúdo e produtora de sentidos. A importância das relações entre forma e conteúdo é reafirmada recorrentemente no campo dos Estudos Literários e pode fornecer insumos para o debate proposto por Soler.

Muitos estudos da área de Museologia utilizam o termo “narrativa” e tratam da possibilidade de compor discursos, perspectivas críticas ou mesmo enredos utilizando objetos, textos complementares e recursos expográficos diversos. Contudo, conforme já destacamos, não houve, ainda, muitas teorizações a este respeito no âmbito da Museologia.

Reflexões de linhas de pensamento muito distintas já foram feitas ao longo do tempo sobre narração, o ato narrar, narrativa ou a figura do narrador nos Estudos Literários. A título de exemplo, podemos citar nomes já há muito consagrados – e por vezes questionados e debatidos – como os de Walter Benjamin, Theodor Adorno, Georg Lukács. Considerando um cenário mais recente, há pensadoras como Jeanne-Marie Gagnebin, que se aproxima da tradição citada, e outras tão distintas dos quatro anteriores quanto umas das outras, como Leyla Perrone-Moisés, Regina Dalcastagné e Maria Inês de Almeida. O conceito de narração que utilizamos em nossa prática e teoria com relação aos museus dialoga alguma reflexão teórica, seja de alguma dessas variadas linhas ou de outros autores? Estaria o conceito de narrativa museológica mais relacionado a discussões sobre a narrativa no campo da História? Estaria ele associado à relação que Mariana Soler aponta, também mencionada por Marília Cury (2005), entre forma e conteúdo das exposições? Como os procedimentos narrativos da literatura podem ser estudados por museólogos e trazer-lhes novas ideias e perspectivas? Como pode a Museologia enriquecer as análises críticas em torno da literatura?

Algumas dessas questões são tangenciadas – sem a pretensão de respostas definitivas ou de abarcar todas as discussões, em “Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”: os ‘desobjetos’ de Manoel de Barros e a narrativa nos museus”, artigo de Clovis Carvalho Britto que também integra o dossiê. O pesquisador se inspirou nas estratégias temáticas e estilísticas do poeta brasileiro Manoel de Barros para apresentar as exposições museológicas como instâncias de fricção e criação de uma narrativa singular instituída entre a

“poética do espaço” e a “linguagem dos objetos” reconhecendo-a como forma de comunicação dos indicadores de memórias e instância de ressignificação e reenquadramento do mundo.

Concluimos, assim, a apresentação dos trabalhos que compõem este dossiê: com um artigo que se propõe a teorizar sobre terminologia museológica, inspirado por uma epistemologia que é literária.

Por meio dos artigos e entrevistas aqui brevemente apresentados, nós nos propomos a contribuir para uma construção interdisciplinar e coletiva de respostas às várias perguntas levantadas ao longo deste texto. Mais do que isso, nosso objetivo é abrir espaço para a geração de novos questionamentos e reflexões que amparem pesquisadores e profissionais técnicos da Museologia e dos Estudos Literários e fomentem o crescimento de ambas as áreas e do campo interdisciplinar que as conecta. Reunimos pesquisadores e pesquisadoras de diversos países e de várias partes do Brasil, cujo enfoque pode variar entre a Museologia e os Estudos Literários. Algo que congrega a todos, para além da qualidade dos trabalhos e da temática comum, é a disposição ao intercâmbio e à produção interdisciplinar de conhecimento. Nossos esforços visaram apresentar à comunidade acadêmica um conjunto de trabalhos tão plural quanto nos foi possível, tanto em termos de perspectivas teóricas quanto de objetos de estudo. Somou-se a isso uma atenção à representatividade de gênero, raça e etnia no que diz respeito à autoria dos artigos, que trabalharemos para tornar ainda mais consistente e equilibrada em produções futuras.

É com gratidão que encerramos esta etapa, na esperança de que o dossiê possibilite a abertura de diversos, interconectados e férteis caminhos investigativos. Agradecemos a todos os autores e autoras que contribuíram com artigos e entrevistas, aos pareceristas, criteriosos e ágeis, ao artista mexicano Jorge Méndez Blake, pela autorização do uso da fotografia de sua belíssima instalação *El castillo* (2007) na capa desta publicação, aos editores da *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* e aos muitos profissionais envolvidos no processo de produção do dossiê.

Por fim, é importante recuperarmos o verso de Paulo Leminski (1998: 11), escolhido como epígrafe deste texto: “Narro, logo existo”. Essa reflexão é oportuna ao lançarmos o dossiê em um período de excepcionalidade, quando a literatura e os museus começam a reverberar em suas narrativas a pandemia da COVID-19 ainda em curso. Ambos tentam traduzir “nós de memória” em testemunhos, na necessidade de contar aos que virão os impactos dessa experiência e torná-los, de certo modo, participantes.

A pandemia evidenciou a urgência, há muito apontada pelos povos indígenas, de novas formas de lidar com o mundo, com seres humanos e não-humanos, e de produzir conhecimento. Ainda que não abordem direta e explicitamente a pandemia e suas consequências, os artigos que compõem este dossiê oferecem reflexões fundamentais para repensarmos as formas de lidar com a memória, a representação, a materialidade e sua agência.

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. Espaços que suscitam sonhos, museu, pavilhões de fontes hidrominerais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, DF, n. 31, p. 133-147, 2005.

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.

BRITTO, Clovis Carvalho. *Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. Salvador: EDUFBA, 2018.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.

CASSOLA, Virgínia. L'esprit du lieu convoqué: patrimonialisation et enjeux. In: VOISIN, L. & SERVAIN-COURANT, S. (Dir.). *Paysages et patrimoines*. Tours, Presses Universitaires François-Rabelais, 2016.

CHAGAS, Mario Souza. Museu, literatura e emoção de lidar. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 5-41, 2002.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. *Anais. Coro: ICOFOM LAM*, 1999.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: Conceção, Montagem e Avaliação*. São Paulo: Anablume, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, Françoise (Eds.). *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

HERBERT, David. Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of Tourism Research*, 28 (2), p. 312-333, 2001.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEAL, Miguel. A verdade da mentira: o museu como dispositivo ficcional na obra de Marcel Broodthaers. *Revista Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n. 32, p. 231-244, 2003.

LEMINSKI, Paulo. *Metaformose: uma viagem pelo imaginário grego*. 2.^a ed. São Paulo: Iluminuras, 1998.

MARTINS, Leda Maria. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. *Anais do IV Seminário sobre Museus Casas: pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. *Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais*. Lisboa: Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras; Centro de Estudos Comparatistas, 2017.

RAGOT, Jean-Claude. *La valorisation des fonds littéraires – Maisons d'écrivain et recherche*. Bordeaux: Confluences, 2020.

REIS, Cláudia Barbosa. *A literatura no museu*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. *Moradas da memória: a construção de um museu na Casa de Gilberto Freyre*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SANTOS, Suzenaldo da Silva. Os Kanindé no Ceará: o Museu indígena como uma experiência em museologia social. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura:ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, p. 156-160, 2016.

SPINELLI, Teniza. *Museus literários no Brasil: história, ideias e guia de acervos*. Porto Alegre: ALFRS, 2009.

SOLER, Mariana Galera. *Biodiversidade musealizada: formas que comunicam*. Tese (Doutorado em Museologia). Universidade de Évora, Évora, 2020.

UCCELA, Francesca R. *Manual de patrimonio literario: espacios, casas-museo y rutas*. Gijón: Ediciones Trea, 2013.

VALLE, Ana Luiza Rocha do. *Literatura e museu: estudo dos Museus Literários Casa Guilherme de Almeida (SP) e Museu Casa Guimarães Rosa (MG)*. Dissertação (Mestrado em Museologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VALLE, Ana Luiza Rocha do. Entre público e privado: reflexões sobre a literatura nos museus casas. *Anais do II Seminário Brasileiro de Museologia*, Recife, 2015.

VASCONCELOS, Eliane. Um sonho drummondiano. *Anais do I Seminário sobre Museus Casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

VIEL, Annette. Quand le musée vit au rythme de la cité: sens et contresens de l'esprit des lieux. *Art et philosophie, ville et architecture*. La Découverte, p. 221-235, 2003.

Museums, Museology, and Literature: Representations of the World and Narrative Techniques¹

Ana Luiza Rocha do Valle²
Clovis Carvalho Britto³

“I narrate, therefore I am”
Paulo Leminski (1998: 11)

Museums, Museology, and Literature intertwine each other in a series of ways. The connections date back to the etymological root of the word Museum, referring to the Temple of the Muses – many of them directly related to Literature. They also date back, which is not widely known, to the mythological root of Museum, son of the poet Orpheus, as Marília Xavier Cury (1999) reminds us. One of the possible explanations for this poetical (and, in this sense, also political) facet of museums is anchored in the mythological world. Calliope, epic poetry muse, daughter of Zeus and Mnemosyne, joined Apollo and gave birth to Orpheus. Calliope’s epic, Apollo’s lyric, and Orpheus’ singings fulfilled, then, the poetry world. According to the mythological narrative, Orpheus got together with Selene (the Moon), generating the poet Museum, “semi-mythological character, heir of deities, engaged in the institution of Orpheus mysteries, author of sacred poems, and oracles. This mythological tradition suggests that the idea that the museum is a song where poetry survives” (CHAGAS, 2002: 5)⁴. Song, in here, can be both, place, and exaltation song. And the poetry that Chagas refers to can be understood in a wide, unassuming sense. Understanding the museum as a song – place and exaltation – favorable to the survival of the poetry is, under this aspect, related to the symbolic operations conducted in the museological institutions.

Clovis Carvalho Britto proposes a view of the musealization process and the handling of museum’s collections that sees in Museology an alchemical practice (BRITTO, 2018). Such alchemy refers to, metaphorically, the gathering of diverse material and immaterial elements through which the words become things, and things become language. In other words, the objects to which meanings are assigned in the museum background become vessels of speech. This allows them to be understood, overall, when they are part of an exhibition, as elements of a museological narrative – a concept we will resume at the end of this text.

The relationships between literature-language are not only restricted to

1 Translated by Marcela Del Bianco Luppi, BA in Literary Studies at Unicamp.

2 PhD in the area of Comparative Literature at FFLCH/USP, Capes scholarship holder with a period at the Sorbonne University and at the Sighet Memorial. Master in Museology by the University of São Paulo, with passage through Fapesp scholarship at the Centre François Mauriac of Malagar, France, and the Petofi Literary Museum, Hungary. She has a BA in Literary Studies from Unicamp and is a Technician in Museology from Centro Paula Souza. E-mail: analuizarv@usp.br

3 PhD in Museology from Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisbon, and in Sociology from Universidade de Brasília. Professor in the undergraduate program in Museology and in the graduate program in Information Science at the University of Brasília and in the graduate program in Museology at the Federal University of Bahia. Research Productivity Fellow of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) in the area of Museology (2020-2023). E-mail: clovisbritto@unb.br

4 Published only in Portuguese: “personagem semimitológico, herdeiro de divindades, comprometido com a instituição dos mistérios órficos, autor de poemas sacros e oráculos. Esta tradição mitológica sugere a ideia de que o museu é um canto onde a poesia sobrevive”. (CHAGAS, 2002: 5).

the Greek origins of the word museum. Concepts like mythology and alchemy can be amplified by the dialogue with the oneiric universe, and the thoughts about it. Walter Benjamin (1999:406) concludes that “museums unquestionably belong to the dream houses of the collective”. This perception shows museums as spaces of identification of the collective imaginary, which allows us to view them as symbols of an ancient and freeing practice: the narration. The museum, in this sense, can be seen as one of the places of excellence for the concretization of the imaginary derivations, and “[...] we judge it won’t be hard to find, on the fictionality inherent to the choice of its content, the element that leads this dreamy phantasmagoria” (LEAL, 2003: 231)⁵. Not without reason the oneiric dimension has an even bigger power when we analyze the museum-houses of literature, seen twice as “dream houses”, and “houses or passages having no outside – just like the dream” (BENJAMIN, 1999:406).

This perspective translates specific ways of discursive staging based on the experiences of the relationship with materiality. They can trigger what Gaston Bachelard (2008: 25) recognizes as the survival (or resistance) of dreams and imagens, forming themselves continually after becoming ways of artistic expression or fixing themselves on similes. These images would gain resonance on places of ownership, praise, and affection, carrying a series of hues, like a poetic of the place that goes through the “house of men” and the “house of things” (drawers, chests, and wardrobes). The images of the house concentrate, then, a sort of appeal: “In short, in the most interminable of dialectics, the sheltered being gives perceptible limits to his shelter. He experiences the house in its reality and in its virtuality, by means of thought and dreams”. It is reasonable, then, when evoking the imaginary, the author amplifies the understanding of house, highlighting the perspective of a nest-world as a primary image. On this reading, the imagination would help the continuity of this huge nest in which we live, considering that “A poet cannot leave such a great image as this, nor to be more exact, can such an image leave its poet”. (BACHELARD, 1994:104).

Reading Bachelard, it is possible to understand the museological actions as experiences that are not only technical, but that also contribute to the processes of creation and remembrance. In these processes, temporalities and spatialities are built or reconfigured. There is an imaginary full of linguistic resources, like the figures of speech (metaphor, metonymy, euphemism, etc.) that crosses the making of the museum. We dare to even say that musealization itself can be understood as prosopopoeia. It is as if inanimate beings were personified, to an extent, in a way its agencies are considered, in the perception of *musealia*⁶ as a mere support of content that it is attributed to it from outside in.

The inspiration in various indigenous and afro-Brazilian cultures – which have been revisited by studies as the new materialism and the post-humanism – allows us to think the personification not only as a figure of speech. It is about effectively considering the agency of the matter as a constitutive part of the world, relationships, and even dreams. Ailton Krenak (2019), following this reading, recognizes the dream as an institution in which people learn different languages, a place of propagation of affection, and of creation of a collective conscience. It is this perception that allows us to listen to the words of the ri-

5 Published only in Portuguese: “[...] julgamos que não será difícil encontrar na ficcionalidade que está inerente à seleção do seu conteúdo o elemento que conduz essa fantasmagoria sonhadora”. (LEAL, 2003: 231).

6 In the context of this sentence, *musealia* is a synonym for the collection of objects from the museum, the musealized objects. For more information, see Desvallées e Mairesse (2010).

vers and forests, observing our bodies in its relationship with the cycles of the Earth, and, therefore, interchanging experiences in order to postpone the end of the world. Recognizing the agency of the non-human elements is also, as Krenak explains (2019: 49), exercising a resistance against capitalism:

When we depersonalize the river, the mountain, when we strip them of their meaning – an attribute we hold to be the preserve of the human being – we relegate these places to the level of mere resources for industry and extractivism. The result of our divorce from our integrations and interactions with Mother Earth is that she has left us orphans (...).

This point of view contributes to a reading that is different from the canonized one about museums and literature, according to the teaching of Cícero Pereira, a Kanindé leader: “The museum to the Kanindé people is the great-grandparent, the grandparent, and the parents, because it is their history, the history that existed back then, that’s what we have here”, reaching the conclusion that “the museum to the Kanindé people is life. We like the museum as much as we like our parents, because it has a bit of the picture, the image of everything” (In: SANTOS, 2016: 156). The contributions of indigenous thinkers from various ethnicities to the Museology are many. Some of them are gathered in the dossier “The indigenous leading role and the museum: approaches and methodologies”⁷, organized by Marília Xavier Cury. It is fulfilled with contributions critical to the structural, and the epistemic changes and, therefore, we are very honored to see our collection being published simultaneously to this great work.

We also count with, among the texts we chose, essential reflections to those same changes. Josué Carvalho, from Kaingang People from the indigenous territory Nonoai, is in the group of authors from our dossier with the paper “Literary narratives through objects in the museum: indigenous ways of narrating memories and making museums and museologies”⁸. According to the author, it is possible to comprehend the indigenous narratives through the objects and understand them as literary narratives. The work makes a decolonial reading of literature, and of the exhibition of indigenous belongings, highlighting the displacements between the world of the humans and the world of the spirits. It presents, hereby, different literary productions for the Kaingang, in its manifestation by the written text form, and by the objects on the museum spaces, or outside of them.

Museums as spaces of dream would extrapolate the conventional interpretation of the oneiric experience. It is possible to think of its poetic as a “path toward [SIC] learning, self-knowledge, and awareness of life, and the application of that knowledge in our interaction with the world and other people”. (KRENAK, 2020:14). It is in this interpretative sense that we show the relationships between Museums, Museology, and Literature: they can be approached by their potentials of humanization and by their roles of representation/presentation of the world. Therefore, writers, museum professionals, museological institutions, and literary works have a lot to exchange.

The concept of “oraliture”, proposed by Leda Maria Martins (2001: 84),

7 “O protagonismo indígena e museu: abordagens e metodologias”.

8 Narrativas literárias através dos objetos no museu: modos indígenas de narrar memórias e fazer museus e museologias”.

has a lot to add to the literary view mentioned previously. The researcher highlights the “erasure of the language, a significant change, constituting the alterity of the individuals, the cultures, and their symbolic representations”⁹ and the rich oral textuality built by the black cultures in the Americas.

The term orality, as I present it, does not remind us univocally to the repertoire of cultural shapes and procedures of the linguistic tradition, but, specifically, to what in its performance indicates the presence of a cultural trace that is stylistic, mnemonic, significant and constitutive, written in the spelling of the body in movement and speed. (MARTINS, 2001: 84).¹⁰

This perspective, conceiving the distinguished language rituals and the diaspora marks, should also be considered on the field of museological processes. The latter, as the literary, are also crossed by a mixed range of knowledges, and body languages, calling into question the euro centered conception of literary and museological. From the concepts as territorialities, corporeality, ancestry, and non-human cultures, it is important to recognize various narratives that question, also, the notion of representation.

These diverse readings show museums and literature as spaces of fiction, recognizing that the museological language makes present what is absent. Ulpiano Bezerra de Meneses (2002: 25) says, about the fiction, that it “does not oppose to the truth: it attributes the figures (word from the same family) that we model, so we can cope with the infinite complexity and broadness of the world”. The museum is, then, considered by Meneses as an extraordinary place of fiction, considering that it mobilizes ways to express the world and allows us to say something about it; therefore, it is also a place for the production of knowledge, where the “(...) scientific knowledge can be coupled to the poetic, mutually impregnating each other”¹¹ (MENESES, 2002: 25).

Recognizing that fiction has a place on museums contributes to the deconstruction of the understanding about document, narrative, and literary, encompassing other typologies and supports. An example is the objects that become tangible markers of the experience around the literary life. They are material evidence immersed in the consecration cycles from the people who write:

Furnitures, frames, typewriters, pens, medals, stamps, travel souvenirs, pieces of clothing, sculptures, paintings, music boxes, and many other objects, building a heterogeneous collection that has one common nominator: they belonged to our writers or were related to them. These objects, by their intrinsic value, justify their incorporation (...) as documents that enrich comprehension, reference points, and sources for the reflection, essential to the recomposition of the fictional and non-fictional world, as the personality of their owners. These objects grow in importance when they allow us to make them alive and acting as fundamental elements on exhibitions. (VASCONCELOS, 1997: 247).¹²

9 Published only in Portuguese: “rasura da linguagem, alteração significante, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas”.

10 Published only in Portuguese: O termo oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição linguística, mas especificamente ao que em sua performance indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na velocidade (MARTINS, 2001: 84).

11 Published only in Portuguese: “[...] conhecimento científico pode ser acoplado ao poético, fecundando-se mutuamente” (MENESES, 2002: 25).

12 Published only in Portuguese: “Móveis, quadros, máquinas de escrever, canetas, medalhas, selos, lembranças de viagens, peças de indumentárias, esculturas, pinturas, caixas de música e muitos outros objetos, formando uma coleção heterogênea, que tem um único denominador comum: terem pertencido a nossos

It is important to go beyond the thought of material culture as a part of the collection, like the presence of personal objects on the literary archives. It is worth questioning, as we mentioned before, to which extent these objects contribute to amplify the notion of literature or textuality, extrapolating the verbal language when encompassing tridimensional archives. One interpretative possibility consists in the comprehension of the objects as words that, articulated in a given scenario, would produce texts. This “semantic of things” would consist in one of the results of musealization, understood as a specific performance through things (BRULON, 2018), and the textuality would allude to the reading of the objects as repertoires, and of musealization as a singular form of manifesting communication. The analogy proposed by Ulpiano Bezerra de Meneses (2002: 28) is “(...) of the distinction and the relationship that can be established between the dictionary (the archive) and the poem (the exhibition)”.

Despite these possible connections, literature is not always greatly mobilized on the archives and the museological practices. On one hand, musealizing the literature is hard, including the museums where the literary is considered a core element. It is not among the most frequent topics when discussing Museology and its subjacent disciplines. On the other hand, it would be a lie to state the complete exclusion of literature from the museal and museological scenarios. This is why, among other reasons, there are associations dedicated to studies about literary museums, literary routes, and/or writer’s houses in various countries, beyond an International Committee of Literary [and Composer’s] Museums on the International Board of Museums (ICLCM – ICOM) founded in 1977, and that congregates, especially, the writer’s houses (beyond other kinds of literary museums and composers’ houses).

In Germany, in 1986, it was founded the Association of Literary Societies and Literary Museums (ALG); in France, after a series of events and documents that date back to 1993, it was created in 1997 the National Federation of Writer’s Houses and Literary Patrimonies; in Spain it is founded the Association of House-Museums and Foundation of Writers (ACAMFE) in 1993 and it is officialized in 1999. Then, in 2003, it is founded the group LitHouses, composed of houses and literary museums from Great Britain; and in Portugal, in 2012, the Portuguese Association of House-Museums (APCM). In 2015, the Union of Russian Museums created the Association of Literary Museums, in Russia. In Brazil in 2017 it was officialized the Network of Literary House-Museums of São Paulo. Despite the name related to a specific state, it gathers researchers and professionals from museums of, at least, three country states (South, Southeast, and Northeast). All of these organizations are active, some with periodic meetings that generate publications about the topics of writer’s houses and literary museums. Sometimes, these works also talk about the presence of literature in non-literary museums, as the history, and art ones.

We did not find, through our research, any network or association of literary museums or writer’s houses in all Africa, Oceania, and other countries from Latin America beyond Brazil, and among other Asian countries besides Russia. However, there are literary museums, writer’s houses, and research about literary heritage and literary tourism on these areas. As an example, we

escritores ou estarem a eles relacionados. Esses objetos, por seu valor intrínseco, justificam a sua incorporação [...] como documentos enriquecedores da compreensão, pontos de referência e fontes para a reflexão indispensável à recomposição do mundo, ficcional e não ficcional, como da personalidade de seus possuidores. Esses objetos crescem de importância quando nos permitem torná-los vivos e atuantes como elementos fundamentais nas exposições”.

can mention, in Asia: the Museum of Japanese Modern Literature, in Tokyo, that organized in 2018 the “1st Conference about the Future of Literature Museums”, beyond some local literary museums in Kamaura, Hokkaido, and Himeji; on the Taiwanese cities of Tainan and Yilan, where are located, respectively the National Museum of Taiwanese Literature, founded in 2003, and the Museum of Literature of Yilan; the Museum of Malaysian Literature, founded in 1984, located in Malacca; on the city of Andijan, in Uzbekistan, there are examples like the Babur Literary Museum, founded in 1989, and the Regional Museum of Arts and Literature of Andijan. In this same country, on the city of Tashkent, there is the Alisher Navoi State Museum of Literature. In Africa, some examples are the South African Museum of Amazwi Literature, founded in the 60’s under the name of National English Literary Museum, in Grahamstown; the House-Museum of Óscar Ribas, founded in 1983, on the Angolan city of Luanda; and in Egypt, the Naguib Mahfouz Museum, opened in 2019 in Cairo. In Oceania there are, among others, the Frank Sargeson House, opened to public in 2009, and the Katherine Mansfield House & Garden, founded in 1986. They are located, respectively, in the New Zealand cities of Auckland, and Wellington. Some Latin American examples are the House of Peruvian Literature, founded in 2008 on the city of Lima; the houses of Pablo Neruda in Santiago (1986), Valparaíso (1992), and Isla Negra (1990), in Chile. In the city on Lapwint, in Guadalupe, it was founded in 1987 the Museum Saint John Perse.

We know that what justifies the relationships between museums, Museology, literature, and Literary Studies is not exactly the existence of institutions and researchers on the frontiers of these areas alone. The research and institutions are a consequence of these relationships, at the same time that they feedback each other. As museum and literature are two ways of representing the world, both strongly bonded to symbolic values, their convergence points are many, which arises the interest of researchers, writers, and museum professionals, leading to the creation of institutions.

Perhaps because of the feedback, among other reasons, the number of house-museums of literature, literature routes and exhibitions has grown. These institutions and paths pressure the limits between the literary place and the museological place. Ana Luiza Rocha do Valle (2015; 2016), proposes three main pillars related to literary exhibitions: a) focus on the author’s literature (musealization of the originals, drafts, writing materials, objects referenced on the texts or produced from them, first editions or special editions of books, etc.); b) focus on the author’s journey (photographs, personal objects, furniture, clothing, etc.); and c) focus on the mixing between the literary place and the social journey (letters related to the work, books with dedications, literary prizes).

The personal objects and their supports and techniques used to express the literary ideas would also integrate the literary life. In fact, the musealization of objects, houses, and places (including fictional ones) built/lived by the writers contribute to the creation of the belief¹³ in the authors and in their works. Mutually, the reader is motivated to get to know the musealized space because

13 According to Pierre Bourdieu (1980), the production of belief consists of the operationalization strategies of a policy of memory and manipulation of resources with a view to the production and perpetuation of certain names and works (in literature, museums and their characters, for example). The examination of the forms of mobilization of the senses having as reference the instances of production, circulation and consecration would contribute to shed a light to the backstage and scenes of a wide enterprise of social alchemy produced by agents that, by integrating the field of cultural production and circulation, fabricate and consecrate the authority of creation. In these terms, we should ask who makes the creator, or, in the case of the artistic field, not what makes, but who makes the artist.

of the author recognition. These territorialities, when mixing life, work, and material culture, encourage new readings of the work, and of life as a work. These ideas contribute to the operationalization of two concepts we would like to cover: the “esprit du lieu” or “spirit of place”, and the “literary heritage”.

The concept of “spirit of the place” (VIEL, 2003; CASSOLA, 2016) approaches the relationships between the cultural practices and the place they are built, the symbolic crossings, and the tangible and intangible operations that make it unique:

Spirit of place is defined as the tangible (buildings, sites, landscapes, routes, objects) and the intangible elements (memories, narratives, written documents, rituals, festivals, traditional knowledge, values, textures, colors, odors, etc.), that is to say the physical and the spiritual elements that give meaning, value, emotion and mystery to place. Rather than separate spirit from place, the intangible from the tangible, and consider them as opposed to each other, we have investigated the many ways in which the two interact and mutually construct one another. (ICOMOS. Québec Declaration, 2008).

The literature, the museums, and the literary places are ways of expression that single out and translate this “spirit of place” from the mixing of distinct languages (verbal and non-verbal). This perception is shared by a lot of scholars when mobilizing the concept of “literary place” (HERBERT, 2001), of which the specificity is the building of the relationship between people and places through literature.

It is as if the literary overflowed to a specific place, strongly marking its image as a place represented in literary texts, or directly associated to an author. Some examples are residences, graveyards, workplaces, places of inspiration, house-museums, book scenarios, references on the landscape to characters and writers, literary parks, literary neighborhoods, libraries, and bookstores of literary interest, museums, and literary exhibitions (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017).

It can be verified, therefore, an overlapping of the place/literary map over the physical map (made possible by the flagging of literary places), considering that is in this new map that the reader-tourist walks by, seeking to find the characters of the book that they read and admired, the scenario of the narrative they liked, the scenario that could have inspired the author to write the book or, only, to find the author. (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017: 54).¹⁴

The concept of spirit of the place is covered in this dossier in “Spirit of the place, Writer’s houses and Literary heritage: interview with Jean-Claude Ragot”, published originally only in French, on the work *La valorisation des fonds littéraires – Maison d’écrivain et recherche* (2020), organized by Ragot. In our dossier, it is presented in both forms, in its original version, and in the unpublished English translation. Bringing enriched counterpoints and complements, the interview conducted by Ana Luiza Rocha do Valle with Jean-Claude Ragot adds to the one made by the same researcher with François Mairesse, still unpublished in English and French. In “Writer’s houses and Literary Museums: interview with François Mairesse”, the concept of spirit of the place is also mentioned, but more punctually. Different views about Museology, Literary Heritage, and tech-

¹⁴ Published only in Portuguese: “Verifica-se, portanto, uma sobreposição do espaço/mapa-literário sobre o mapa físico (viabilizada pela sinalização de lugares literários), sendo que é sobre este novo mapa que o leitor-turista se desloca, procurando encontrar as personagens do livro que leu e admira, o cenário da narrativa de que gostou, o cenário que terá inspirado o autor a escrever o livro ou, tão-somente, encontrar o autor” (QUINTEIRO; BALEIRO, 2017: 54).

nical, cultural, and administrative specificities of the French context are discussed in both texts. We highlight, as organizers of this collection, the importance of the dialogue and the exposition of different perspectives, even when they are conflicting, regardless of the individual opinion of each of the organizers of the dossier about the topic.

Regarding the perception of literality that floods through the texts, the dossier contains the paper of Galina Alekseeva, “The Leo Tolstoy Museum-Estate at Yasnaya Polyana as Representation of Russian and World Literature”. In it, the former president of the International Committee of Literary Museums and Composer’s Museums (ICLMCM) presents the example of the Property Museum Yasnaya Polyana and of the Tolstói Library, which belongs to the Museum. Alekseeva presents the collection in its richness and multiplicity and addresses the important relationship between the literary work of Tolstói, the material archive, and the real state heritage, or even the environmental heritage. She also addresses the activities of research, and communication of the Institution.

The transits between literature, museums, and territories are presented on the paper from Luciana Santos Ferreira and Leandro Benediti Brusadin “Poetry as document: The Old Houses on Tiradentes Street in Itabira (MG) and the Drummond’s Paths Territorial Museum”¹⁵. Analyzing the link between the poems by Carlos Drummond de Andrade and three old houses in Itabira, hometown of the poet, Ferreira and Brusadin recognize the poems as documents, and the monuments as literary places. Is appropriate the choice of a museum of territory with an itinerary marked by 44 signs with poems on the places that might have inspired the poet.

Another concept that has been recurring in the studies about museums and literature, especially in Europe, is the “literary heritage”¹⁶. As Francesca R. Uccella (2013) highlighted, literary heritage consists in the set of material and immaterial elements related to the writing and the literature. The “literary heritage” is composed by material goods (buildings, manuscripts, and objects), and immaterial ones (memories that come up with the reading, the narrative, and the idea of an author) that constitute a heritage that is shared and safeguarded by processes of patrimonialization.

Not all the “literary places” and the “literary heritages” are musealized (although they all could be). However, it is important to understand them as places significative to the understanding of the link between the fields of Museology, Literature, and Heritage. One of the privileged instances of analysis consists in the presence of literature in the museums: readings of specific exhibitions that have literature as a theme, tracing parallels between the work and the author, and the proposed museographic strategies; safeguard specificities of literary archives; comparative perspectives between exhibitions, using the concepts as adaptation and intersemiotics; and the discussion between the insertion of literary elements as supplement of content or exhibitionist feature in other typology exhibitions – as in arts or history museums. One important reference

15 “Poesia como documento: os sobrados da Rua Tiradentes em Itabira (MG) e o Museu de Território Caminhos Drummondianos”.

16 Regarding this topic, we believe it is suitable to mention the new network of research called *PatrimoniaLitté* (a neologism in French that mixes the French words for heritage and literature), that was launched by an online seminar in January 2021 (other sessions are expected in the online calendar from the Network, available in French at <https://respalitt.hypotheses.org/seminaire-de-recherche>. The inaugural session was hosted (in symbolic terms, since it is virtual) at the University of Cergy-Pontoise, France. The network is under construction, involves researchers from various continents among its members, and it is not officially linked to any institution, from what we could understand until now.

in this matter is the network RIMELL (French acronym for Interdisciplinary research about museography and the exhibition of the literature and the book). The high point about the contribution of this network is from the website “Littératures Mode d’Emploi”¹⁷, that gathers a wide bibliography about literary exhibitions, writer’s houses, and related topics, reviews of literary exhibitions, interviews, and news related to the literary heritage and the musealization of literature.

In the Brazilian scenario, the creation of the House of Rui Barbosa, in 1928, in Rio de Janeiro, consists in a landmark: the first museum of its kind in the country. The institution inspired the creation of other museological processes around the house-museums, and also of literature museums, like the Archive-Museum of Literature, created in 1972, topic of the paper by Daniela Carvalho Sophia, “Criteria for safeguarding the literary heritage: the case of the Archive of Brazilian Literature Museum”, that is inside this dossier. The study reflects upon the challenges of the Foundation House of Rui Barbosa on the limits and preservation of its literary heritage, the crossings of institutional policies on the selection of the national literary memory, and the obstacles of the musealization of literary archives.

On this field of investigation, the house-museums of literature stand out to the extent they allow a metanarrative through things and places: they undertake the making of a fiction place (musealized house) which, in its turn, is supported in general on the literature of the author (narrative of a narrative). This assumes other dimensions with the use of new technologies on the exhibitions of the house-museums, with the recitation of poems and chronicles and/or their projection on the walls and on the objects, transforming the house itself in medium, and establishing a “celebrative vigilance” about certain aspects of reading from the journey of the authors and their work.

The paper “Casa Guilherme de Almeida: the musealization of a biography”¹⁸, from the researcher Guilherme Lopes Vieira, shows the aspects of the construction of the house-museum that pays homage to the poet Guilherme de Almeida and its creation in São Paulo, in 1979. The researcher highlights the impacts of the musealization on the process of representation of the writer against the memory of the city of São Paulo and the confluences between house and biography. However, the paper “From Zélia Gattai’s memorial project to the musealization of Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)”¹⁹, by the researchers Milena de Jesus Santos and Suely Moraes Cerávolo, investigates the procedures that gave birth to the museum Casa do Rio Vermelho – Jorge Amado e Zélia Gattai, and the importance of the narrative processes established by Gattai. The papers contribute to our remark that the comprehension of poetics and politics from the house-museums, and their interfaces with literature, still consists in a field of research to be explored. The different analytical perspectives allow the dialogue with previous works, like the works from Rodrigo Alves Ribeiro (2006), Teniza Spinelli (2009), and Cláudia Barbosa Reis (2012).

Similarly, despite a long tradition and the multiple museological experiences that dialogue with the literary universe, it becomes necessary a bigger effort to systematize and analyze these experiences. In Brazil, Ana Luiza Rocha do Valle (2016) states that, although there is not a national organization that

17 <https://www.litteraturesmodesemploi.org/>

18 “Casa Guilherme de Almeida: a musealização de uma biografia”.

19 “Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)”.

gathers the literary museums or a big sized museum dedicated to national literature, some institutions and projects have approached this perspective: the Museum of Brazilian Literature Archive from House of Rui Barbosa Foundation²⁰, created in 1972; the Brazilian Literature Museum²¹, idealized by Lygia Fagundes Telles, in 1975; the project from the Museum of Brazilian Literature (MULIB)²², conceived by Ilka Laurito, Miriam Moreira Leite and Telê Porto Ancona Lopez; the Museum of the Portuguese Language²³, opened in 2006, in São Paulo (with a reopening expected to 2021); and the Museum of the Writer²⁴, opened in 2010, in Brasília, by the initiative of the Association of National Writers²⁵.

When going from the presence of the literature in the museums to the museums inside literary works, it is worth thinking about the following questions. How were the museums represented on the literary tradition? What museology can learn from the literary works in which museums are represented, and from the literary analysis made about them? These are questions that allow the articulation of literary analyses, comparisons between museums and their respective representations in fiction, museography analyses, among other kinds of studies. It is even possible to think about the cross contributions that writers and scholars from literature, as well as museologists and museum professionals, can offer to the fields of Literary Studies, literary creation, Museology, and professional practice in museums.

On the Brazilian scene, Mario Chagas (2002) ranks writers that spoke about museums, memory, and collections. Among them are the poets Mário de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meirelles, and Carlos Drummond de Andrade. If, inspired by his list, we propose ourselves to search examples beyond Brazil, the inventory of authors and literary works that addressed museums and the topics valued by Museology, tends to grow and diverse in terms of literary genres. An exhaustive list of fictional museums or literary works about real museums would be unreasonably long. We cover, below, some examples only to illustrate the variety of possibilities in terms of objects of study.

In Russia, a lot of authors have represented museums in their work, like in the cases demonstrated by the paper “Perceptions and uses of the museum in some Russian writers’ works: from the revolution to the Goulag”, from the researcher Luba Jurgenson. The text analyses how the writers Panteleïmon Romanov, Konstantin Vaguinov, Vladimir Nabokov, Nikolai Fyodorov, and Varlam Chalamov represented museums and refreshed their images, affected by the revolution and the terror, with a focus to the role of the artifacts and memory policies. Between the loss (from the body, culture, life) and the overflow (inventory of lost objects reflecting the diversity of the broken world) demonstrates how the Russian literature from the XX century built polysemic images of museums, like places for safeguarding or erasing of the memory.

In Argentina, Fernandez Macedonio launched, in 1975, the novel *The Museum of Eterna Romance*; in France, Georges Perec wrote the novella *The Private Collection*, in 1979. In *Journey to Portugal*, José Saramago introduced us to a character who not only visits Lisbon's Museum of Archeology and Ethnology, but also

20 Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa.

21 Museu da Literatura Brasileira.

22 Museu de Literatura Brasileira (MULIB).

23 Museu da Língua Portuguesa.

24 Museu do Escritor.

25 Associação Nacional de Escritores.

makes a concrete suggestion as to how a certain piece of the collection should be displayed. This perspective is investigated in our dossier by the researcher Gislene Teixeira Coelho in her paper "José Saramago, heritage and memory: a legacy of rebelliousness and irreverence", in which she reflects upon the relationship between literature, the representations of memory and demonument based on Saramago's works *Memorial of the Convent* and *Journey to Portugal*.

In Italy, Ítalo Calvino published the books *Palomar*, in 1983, and *Collection of Sand* in 1984, in which he discusses the topics of collection and musealization. These works are analyzed here by the researcher Claudia Cristina Maia in the paper "Ítalo Calvino: the museums and the memory of the world"²⁶, that demonstrates how, to Calvino, the collection and the museum present themselves as topic and method. The text questions the artistic craft of the Italian writer that would be considered a collection of immaterial "objects"

Resuming the small inventory of works related to museums, in 1991, Steven Millhauser published in United States the novel *Martin Dressler: the tale of an American dreamer*. In which, a fictional version of the Barnum Museum grows substantially to the point of incorporating the whole city and its residents.

In 2000 and 2010 we can find new examples. In Japan, Yoko Ogawa launched, in 2001, the *Silence Museum*, narrated by a museologist; in France, in 2006 it was launched *The wolf of the Louvre*, by Anne Letuffe, a children's book that involves a chase inside the Louvre galleries and the various representations of childhood present in there; in Turkey, in 2010, we can find Orhan Pamuk, with *Museum of Innocence* – which is a novel and a museum, along with a catalog; in this same year, it was shared with the public the novel *Ten Thousand Guitars*, in which the French writer Catherine Clément highlighted the cabinet of curiosities from Rodolfo I; in 2013, in United States, Donna Tart published *The Goldfinch*, in which the plot has important links to the homonymous work hosted in the Metropolitan Museum of Art. In 2014, the manga *Guardians of the Louvre* was launched by Jiro Taniguchi, published by the museum itself, and mixing fantasy with elements of the Louvre's history and its collections. In 2018, Anne Youngson published her very first novel *Meet me at the Museum*, that has as one of the main characters a museum curator from the Museum Silkeborg, in Denmark, and conversations around the Men of Tollund, a naturally mummified corpse, whose head is exposed in the museum. In 2019, a fictional museum was presented to the public through the pages of *Still Lives*, a detective story regarding a feminist exhibition, genre violence, and an artist missing at the day of her own vernissage.

When it comes to the Metropolitan Museum of Art, in a general way, beyond a specific work like *The Goldfinch*, a recent and important work is the novel *Metropolitan Stories: A Novel*, by Christine Coulson (2019). It was analyzed in this dossier by Pallavi Narayan, in the paper "Resting in the Met: Constructions of Homelike Spaces in Christine Coulson's *Metropolitan Stories*". The researcher makes links between the backstage of the museums, the experiences of the employees, the relationship with the non-human, and the idea of house, shelter, that resonates with the discussions presented before about the poetic of the place, just like with the interviews about the house-museums of writers and the writer's houses.

In Brazil, many are the authors that addressed the topic of museums and

26 "Ítalo Calvino: os museus e a memória do mundo".

collections in poems, tales, chronicles, and novels. Beyond the already mentioned Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, and Mário de Andrade, we can highlight as examples: the tale of Sérgio Sant’Anna “A visit, on a Sunday evening, to the museum”, on the book *Notes from Alfredo Rangel, Reporter* (1973)²⁷; the poems “Museum”, from Eucanaã Ferraz, in (2002); and “On the former National Museum” by Armando Freitas Filho, in *Conclusion* (2020)²⁸; the historical novels *The woman and the house* (2013)²⁹ and *Wet Plot* (2017)³⁰ by Eneida Queiroz. One of the most emblematic is the book *Museum of everything* (1975)³¹, by the poet from Pernambuco, João Cabral de Melo Neto, analyzed here in the paper “Live and functioning museums in the poetics of João Cabral de Melo Neto”, from the researcher Edneia Rodrigues Ribeiro. The text investigates the recurrence of the term “museum” in some poems, and on the essayistic prose of the author, as in the disperse “Museum of poetry”, written in 1942, showing the comprehension of museums as “places that are live and functioning”.

In which ways these and other representations of museums in literature affect or reverberate the work of professionals in the area, and the research of museologists? What echoes the creation of new museums and the transformations on the museological thought can provoke in literature and in the literary studies? We can see from the numbers, like the great growth of public in the New York Frick Museum after the publishing of the novel by Donna Tart about the work *The Goldfinch*, that the museum received in an itinerary exhibition; to the academic links with the *Manifesto about the museums*, published by Orhan Pamuk at the General Conference of ICOM in Milan, in 2016.

A delicate point of touch between Museology and Literary Studies is the recurring use, when referring to museums, of the word “narrative”. When we talk about museological narratives, could it be the same concept that the scholars of Literature refer to when approaching literary narratives? The research that contributes to the consolidation of a theory about the museological narrative, that could encompass from the policies of acquisition and disposal to more concrete strategies of museological communication, with a focus to the so-called exhibition narratives, are yet a path to be paved. The analysis of exhibitions in which the narrative through objects might be considered a core point in their procedures of composition in various cultural backgrounds still consist in a shy movement on the field of Museology. Soler (2020) points out the importance of the field of study of exhibitions, especially on a compared perspective, just like the need of considering the museographical form as intrinsically related to the content and creator of meaning. The importance of the links between form and content is reassured, recurrently, in the field of Literary Studies and can provide insights to the debate proposed by Soler.

Many studies in the Museology area use the word narrative and cover the possibility of composing speeches, critical perspectives or even plots using a number of objects, complementary texts, and museographic tools. However, as we already mentioned, there has not been many theorizations about this matter in the field of Museology.

Considerations of lines of thought very diverse have already been made,

27 Notas de Manfredo Rangel, Repórter.

28 Arremate.

29 A mulher e a casa.

30 Úmida trama.

31 Museu de tudo.

throughout time, about narration, the act of narrating, narrative or the image of the narrator in the Literary Studies. For instance, we can mention some names that have been renowned for a long time – and, sometimes, questioned and debated – like Walter Benjamin, Theodor Adorno, Georg Lukács. Considering a more recent scenario, there are thinkers like Jeanne-Marie Gagnebin, that come close to the tradition aforementioned, and other as different from the four latter as from each other, like Leyla Perrone-Moisés, Regina Dalcastagné, and Maria Inês de Almeida. Does the concept of narration we use in our practice and theory about the museums is related to some theoretical reflections, either one of those lines or from other authors? Could the concept of museological narrative be related to discussions about narrative in the field of History? Could it be associated to the link Soler points out, that is also mentioned by Cury (2005), between form and content of the exhibitions? How the narrative procedures of literature can be studied by museologists and bring them new ideas and perspectives? How could museology enrich the critical analyses around literature?

Some of these questions are touched – without the pretension of finding definitive answers or comprising all the discussions, in “Using some words that don’t have a language yet: the ‘un-objects’ from Manoel de Barros and the narrative in museums”³², a paper from Clovis Carvalho Britto, that is also part of the dossier. The researcher got inspired by the thematic and stylistic strategies of the Brazilian poet Manoel de Barros to present the museological exhibitions as instances of friction, and creation of a singular narrative between the “poetic of the place” and the “language of the objects”, recognizing it as a form of communication of the memory indicators, and the instance of resignification and reframing of the world.

We can finish, this way, the presentation of works that comprise this dossier: a paper that proposes the theorization about the museological wording, inspired by a literary epistemology.

Through the papers and interviews presented briefly in here, we proposed ourselves to contribute to an interdisciplinary and collective construction of answers to the various questions arisen throughout this text. Moreover, our goal is opening the way to the generation of new queries and reflections to support researchers and technical professionals of Museology and Literary Studies, and encouraging the growth of both areas, and the interdisciplinary field that connects them. We gathered researchers from a number of countries and several parts of Brazil, whose focus can vary between Museology, and Literary Studies. One thing that covers them all, beyond the quality of the works and the topics in common, is the willing to exchange and produce interdisciplinary knowledge. Our efforts had the purpose of presenting to the academic community a group of works as varied as possible, both in terms of theoretical perspectives, and objects of study. Added to that, there was an attention the genre, race, and ethnicity representation regarding the authorship of the papers, that we will work to make even more consistent and balanced in future productions.

We end this step with gratitude, in the hope that the dossier will allow the opening of diverse, interconnected, and fertile investigative paths. We thank every author that contributed to the papers and interviews, the reviewers, discerning and agile, the Mexican artist Jorge Méndez Blake, for the authorization to use the photograph of his beautiful installment *The Castle* (2007) on the cover of this publication, the editors of the magazine *Revista Museologia & Interdiscipli-*

32 “Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”: os ‘desobjetos’ de Manoel de Barros e a narrativa nos museus”.

naridade and the many professionals involved in the production process of the dossier.

In the end, it is important to recover the verse from Paulo Leminski (1998: 11) chosen as the epigraph of this text: “I narrate, therefore I am”. This reflection is appropriate as we launch the dossier in a period of exception, when literature and museums start to reverberate in their narratives the COVID-19 pandemic, still ongoing. Both try to translate “memory nodes” in testimonies, in the need of telling those to come the impacts of this experience, and make them, in a certain way, participants of it.

The pandemic showed the urgency, pointed a long time ago by the indigenous people, of creating new ways of dealing with the world, human and non-human beings, and producing knowledge. Even though they do not show directly and explicitly the pandemic and its consequences, the papers that comprise this dossier offer reflections that are essential for us to rethink the ways of dealing with memory, representation, materiality, and its agency.

References

BACHELARD, Gaston. *The poetics of space* – The Classic look at how we experience intimate places. [Translated by Maria Jolas] Boston: Beacon Press, 1994.

BENJAMIN, Walter. *The Arcades Project*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *The production of belief: contribution to an economy of symbolic goods*. [Translated by Richard Nice]. *Media, Culture & Society*, 2 (3): p. 261-293, 1980.

BRITTO, Clovis Carvalho. *Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. Salvador: EDUFBA, 2018.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. *Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.

CASSOLA, Virgínia. L'esprit du lieu convoqué: patrimonialisation et enjeux. In: VOISIN, L. & SERVAIN-COURANT, S. (Dir.). *Paysages et patrimoines*. Tours, Presses Universitaires François-Rabelais, 2016.

CHAGAS, Mario Souza. Museu, literatura e emoção de lidar. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 5-41, 2002.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. *Anais. Coro: ICOFOM LAM*, 1999.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: Concepção, Montagem e Avaliação*. São Paulo: Anablume, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, Françoise (Eds.). *Key Concepts of Museology*. Paris: Armand Collin, 2010.

HERBERT, David. Literary places, tourism and the heritage experience. *Annals of* ISSN 2238-5436

Museus, Museologia e Literatura:
representações de mundo e técnicas narrativas
Tourism Research, 28 (2), p. 312-333, 2001.

KRENAK, Ailton. *Ideas to Postpone the End of The World*. [Translated by Anthony Doyle]. Toronto: House of Anansi Press, 2020.

LEAL, Miguel. A verdade da mentira: o museu como dispositivo ficcional na obra de Marcel Broodthaers. *Revista Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n. 32, p. 231-244, 2003.

LEMINSKI, Paulo. *Metaformose: uma viagem pelo imaginário grego*. 2.^a ed. São Paulo: Iluminuras, 1998.

MARTINS, Leda Maria. Oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. *Anais do IV Seminário sobre Museus Casa: pesquisa e documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita. *Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais*. Lisboa: Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras; Centro de Estudos Comparatistas, 2017.

RAGOT, Jean-Claude. *La valorisation des fonds littéraires – Maisons d'écrivain et recherche*. Bordeaux: Confluences, 2020.

REIS, Cláudia Barbosa. *A literatura no museu*. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, Rodrigo Alves. *Moradas da memória: a construção de um museu na Casa de Gilberto Freyre*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SANTOS, Suzenaldo da Silva. Os Kanindé no Ceará: o Museu indígena como uma experiência em museologia social. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, p. 156-160, 2016.

SPINELLI, Teniza. *Museus literários no Brasil: história, ideias e guia de acervos*. Porto Alegre: ALFRS, 2009.

SOLER, Mariana Galera. *Biodiversidade musealizada: formas que comunicam*. Tese (Doutorado em Museologia). Universidade de Évora, Évora, 2020.

UCCELA, Francesca R. *Manual de patrimonio literario: espacios, casas-museo y rutas*. Gijón: Ediciones Trea, 2013.

VALLE, Ana Luiza Rocha do. *Literatura e museu: estudo dos Museus Literários Casa Guilherme de Almeida (SP) e Museu Casa Guimarães Rosa (MG)*. Dissertação (Mestrado em Museologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VALLE, Ana Luiza Rocha do. Entre público e privado: reflexões sobre a literatura nos museus casas. *Anais do II Seminário Brasileiro de Museologia*, Recife, 2015.

VASCONCELOS, Eliane. Um sonho drummondiano. *Anais do I Seminário sobre Museus Casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997.

VIEL, Annette. Quand le musée vit au rythme de la cité: sens et contresens de l'esprit des lieux. *Art et philosophie, ville et architecture*. La Découverte, p. 221- 235, 2003.